

Bonfim teve influência na Revolta dos Malês

O Bonfim é um bairro que tem suas peculiaridades. A principal é a lavagem da tradicional basílica, que leva milhares de baianos e turistas à Colina Sagrada, onde o religioso e o profano não estão dissociados. Mas o Bonfim não é só isso. As suas ruas guardam muitas páginas, inclusive históricas de alegria e sofrimento. O Hospital Couto Maia, em épocas passadas, por exemplo, era visto com terror pelos doentes que ficavam isolados, à espera da morte. Nas suas ladeiras e ruas apertadas, entretanto, a fé sempre esteve presente no coração do povo. Hoje em dia, a grande carência é de lazer, pois o bairro não tem cinema ou teatro e a praia fica inviável com a poluição.

Eduarda Uzêda



Símbolo da cidade, a igreja é o centro da festa que comporta manifestações religiosas

para os arredores próximos à colina.

Os senhores levavam as mucamas e os escravos domésticos, além dos escravos de aluguel, deixando na cidade os escravos malês, que aproveitavam para intensificar as reuniões de cunho conspiratório. Em um sábado que antecedia à festa do Bonfim, ocorreu a revolta, mas a repressão foi violenta, ocorrendo aplicação sumária da pena de morte para os escravos envolvidos. Os libertos foram expulsos do país, degredados para a África ou Ásia. A intenção dos amotinados eram tomar o forte e a cidade das armas. Os do centro tomariam o palácio do governo, matariam a patrulha e iriam até o Bonfim, onde fariam um massacre. A professora acredita que em razão de os malês serem mulçumanos, os cristãos não seriam poupados.

Balneário

O bairro do Bonfim, de acordo com alguns moradores antigos, até a década de 70 abrigava a elite da cidade



Praia seria uma opção de lazer do bairro se não fosse a poluição

Cidade Baixa. Era uma espécie de balneário para as famílias mais tradicionais. Recordam que o Bonfim, juntamente com o Monte Serrat, era servido por uma empresa de ônibus que tinha a preocupação de colocar os melhores veículos na linha porque no bairro morava o seu proprietário. Privilegiado por ter uma das mais bonitas vistas da Baía de Todos os Santos, o bairro abriga, ainda hoje, casarões antigos e belas residências e atualmente conta com uma boa infraestrutura de serviços.

Os moradores, de uma maneira

geral, adoram a cidade, apresentando uma certa tolerância. Os hospitais do Couto Maia e o Hospital de Doenças de uma marinha, por causa da falta de moradia para o lazer. No bairro próximo ao Bonfim, nem a reclamação de moradores da Cidade Baixa. A infraestrutura de serviços não está desativada.

Militar português iniciou

O culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim nasceu com a vinda do capitão-de-mar-e-guerra português Theodósio Rodrigues de Faria para a Bahia em 1740. Pela Páscoa da Ressurreição do Senhor, em 18 de abril de 1745, com grande festividade, o capitão colocou a imagem para a veneração dos fiéis na Capela de Nossa Senhora da Penha de França de Itapagipe. Em 1746 foram iniciadas as obras na Igreja do Bonfim.

No dia 24 de junho de 1754, após a conclusão das obras internas, foi trasladada a sagrada imagem da Capela da Penha para a colina do Bonfim. Estudiosos relatam que a falta de meios fáceis de transporte nos tempos primitivos da Devoção do Senhor do Bonfim forçava, até 1870, a prática dos devotos, romeiros e festeiros virem antecipadamente participar dos eventos.

E desde este tempo criou-se o costume de, na quinta-feira antecedente ao domingo da festa, se fazer aluzir a água para lavagem da capela. O professor Jayme de Sá Menezes, em estudo sobre o Bonfim, esclarece que, no século XX, o escritor tenas destes tomeiros desembarcaram no Porto da Lenha (antigo Porto de Bonfim), a maioria vindos de

Recôncavo. A maioria dos moradores são muito prósperos e gostam de ir para as praias e lindas

Li

Menezes afirma que as destacadas famílias que vivem na colina do Bonfim, nas antigas arruaças que foram as "sinhas" e "sinhazinhas" do Bonfim, calçando as ruas, exibindo o gosto equitativo do Senhor do Bonfim forçava, até 1870, a prática dos devotos, romeiros e festeiros virem antecipadamente participar dos eventos.

Outros historiadores afirmam que, no século XX, o escritor tenas destes tomeiros desembarcaram no Porto da Lenha (antigo Porto de Bonfim), a maioria vindos de

Furto de veículos exigiu segurança

Como a cidade do Salvador, o bairro do Bonfim também é dividido em parte alta e baixa. Na parte alta, além da Basílica do Bonfim, encontram-se o largo (bem no meio deste, vale citar a existência de um chafariz, monumento vindo da Itália, todo de mármore de Carrara, colocado no local em 1863) e o Jardim Belvedere, com suas ruas onde se destacam bonitas habitações com flores nas janelas e nos muros, dando um ar romântico ao local.

No Jardim Belvedere, moradores das ruas Baden Powell, Artur Matos e Jorge Gois Mascarenhas elogiam o bairro, mas acrescentam que em razão de alguns furtos de veículos tiveram que contratar seguranças particulares. Muitas ruas estão sendo alvo de intervenção do Programa Baía Azul. A moradora

pelos miasmas ou emanações do ar, terra e água. "Não havia uma concepção de hospital como centro de cura. Os doentes eram levados para o hospital para evitar o contágio da cidade. O isolamento, neste contexto, era sinônimo de condenação e morte e por isto muitos fugiam aterrorizados". Jorge Uzêda destacou, ainda, que em 1855, quando a cólera irrompeu na cidade, o Couto Maia foi um dos centros que abrigaram os doentes infectados.

"Um paraíso"

No Porto da Lenha e áreas próximas da parte baixa do Bonfim, os moradores só reclamam do abuso do uso de maconha pelos desocupados. Mesmo com a pobreza da área, os moradores a exemplo de

MAREA